

Práticas musicais como elemento de cultura, civilização e progresso na cidade de Uberlândia-MG (1888-1957)

DANIELA CARRIJO FRANCO CUNHA
LILIA NEVES GONÇALVES

Daniela Carrijo Franco Cunha é Licenciada e Bacharel em Música (Piano) pela Universidade Federal de Uberlândia, Especialista em Educação, Comunicação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade do Tocantins e Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia. É professora no Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli – Uberlândia-MG, e membro do Grupo de Pesquisa “Música, educação, cotidiano e sociabilidade”, do CNPq.

Lilia Neves Gonçalves tem Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora dos Cursos de Graduação em Música – Licenciatura e Bacharelado – e do Curso de Pós-Graduação – Mestrado em Música, ambos da Universidade Federal de Uberlândia. É líder do Grupo de Pesquisa “Música, educação, cotidiano e sociabilidade”, do CNPq.

■ RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão sobre a música como elemento de cultura, de civilização e de progresso na cidade de Uberlândia-MG, no período de 1888 a 1957. Neste estudo são abordadas práticas musicais como o aprender música, o tocar um instrumento (especialmente, o piano) e o ouvir música em locais como praças, salões, cinemas e rádios. Para tanto, a ideia de civilização discutida está embasada no estudo de Elias (1994) e a de distinção social está fundamentada na perspectiva de Bourdieu (2007b). Esta pesquisa é um estudo documental, cujas fontes são artigos de jornais que circularam na referida cidade nesse período. As relações que as pessoas da cidade de Uberlândia criaram com a música por meio da prática de frequentar concertos, da aprendizagem do “comportamento adequado” para audições e da própria apreciação musical eram consideradas importantes para uma “elevação cultural”.

■ PALAVRAS-CHAVE

Música em Uberlândia-MG, práticas musicais na cidade, música como cultura, civilização e progresso.

■ ABSTRACT

This article includes a discussion about music as a part of civilization, cultural heritage and the advances that happened in the town of Uberlandia during the period 1888-1957. It addresses a number of issues arising from musical practices such as learning music, playing musical instruments (in particular the piano) and listening to music either in public places like city squares, local halls and the cinema, or on the radio. The study is based on the theoretical concepts of civilization defined by Elias (1994) and it adopts the perspective of Bourdieu (2007b). The methodology of the research involves carrying out a documentary study based on newspapers that circulated in Uberlandia in the period as source material. Aspects that were considered include the effects of music on the inhabitants of the town with regard to their behavioural patterns when attending concerts, and the extent to which their listening customs can be viewed as a reflection of a "rise in their level of culture".

■ KEYWORDS

Music in Uberlândia, musical practices in the city, music as culture, civilization and progress.

Introdução

Neste artigo propõe-se discutir a música como elemento de cultura, progresso e civilização na cidade de Uberlândia-MG no período de 1888 a 1957, abordando práticas musicais - ações variadas envolvendo a música - estabelecidas na cidade, como: aprender música, tocar um instrumento, ouvir música (nas praças, nos recitais realizados nos salões locais, nos cinemas, rádios). O intervalo temporal justifica-se pelo fato de Uberlândia ter sido elevada à categoria de cidade em 1888 e em 1957 marcar a criação do Conservatório Musical de Uberlândia, fato importante na organização de outros parâmetros para as práticas musicais na cidade (GONÇALVES, 2007).

Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado¹, cuja fonte de pesquisa foram cerca de 700 artigos de jornais que circularam na imprensa uberlan-

¹ Trabalho realizado no Curso de Pós-graduação - Mestrado em Artes na Universidade Federal de Uberlândia, orientado pela profa. Dra. Lília Neves Gonçalves.

dense, no período mencionado. O levantamento desses artigos faz parte de um projeto mais amplo (GONÇALVES, 2008), que propõe estudar as práticas pedagógico-musicais em Uberlândia na primeira metade do século XX, sendo que pesquisas de iniciação científica como de Rodrigues (2009), Rezende (2010) e Simão (2011) analisaram artigos que fazem referência à música na cidade. Considera-se que esses estudos puderam problematizar aspectos tanto da música quanto da educação musical na cidade de Uberlândia.

O primeiro jornal pesquisado data de 1897, mas a primeira referência encontrada na imprensa local relacionada à música data de 1907 (SIMÃO; GONÇALVES, 2011), quando a mídia impressa anunciava a presença da banda de música “União Operária” em uma reunião festiva realizada na casa de personalidade da cidade; na oportunidade ocorreram performances artísticas e literárias.

Sabe-se que os jornais têm sido fonte importante de pesquisa para estudiosos de várias áreas. Algumas vezes essas fontes são tidas como suspeitas, porém “os jornais são elementos fundamentais para se captar as principais representações de uma época, pois centralizam boa parte das opiniões e das atenções da elite intelectual, que trabalha na moldagem da cultura” (GONÇALVES NETO, 2002, p. 206). Se há questionamentos sobre sua validade, para Faria Filho (2002, p. 134) os jornais são vistos “como uma importante estratégia de construção de consensos”.

Uma das perspectivas teóricas adotadas neste trabalho é a da música como prática social. Segundo Souza (2004), tal prática está ligada à produção socio-cultural de uma região, sendo que as atividades musicais são realizadas a partir de experiências de um grupo social. Portanto, as ações musicais estão diretamente ligadas à relação que as pessoas constroem com a música e os vários artefatos culturais decorrentes delas.

As pessoas, que viveram em Uberlândia no período da pesquisa, interagem entre si e com a cidade em/nos espaços em que as práticas e os eventos musicais eram realizados. Sendo assim, analisar esses espaços em que a música se fazia presente possibilitou compreender como as pessoas a vivenciavam e como a experimentavam, bem como contextualizar práticas musicais ao relacioná-las com ideais locais.

Este artigo está organizado em cinco partes. A primeira aborda o ideal da cidade de Uberlândia de “elevar a cultura” das pessoas. A segunda parte discute esse ideal na relação da música e da civilização, enquanto a terceira aborda esse ideal associado à ideia de música e de progresso. A quarta parte apresenta o estudo da música e do instrumento (piano) enquanto um elemento de civilização e diferenciador de classe. Por fim, nas considerações finais, são destacados os aspectos relevantes desta pesquisa.

Uberlândia, uma “cidade de cultura”

Uberlândia², desde sua fundação, contava com atividades artístico-musicais que movimentavam a cidade. De acordo com Gonçalves Neto (2007, p. 112), a cidade sofreu “grande influência cultural” da cidade de São Paulo e buscava um atri-

² Uberlândia é uma cidade que foi fundada por Felisberto Alves Carrejo na década de 1830 (CARDOSO, 2004, p. 112) e foi distrito da cidade de Uberaba. Em 1888, com o nome São Pedro de Uberabinha, foi elevada à categoria de município e somente em 1929 a cidade passou a se chamar Uberlândia.

“aprimoramento cultural”.

O “aprimoramento cultural” era um ideal divulgado nos jornais locais e a música foi considerada como um dos meios artísticos para transformar Uberlândia em uma “cidade de cultura”. Vivenciar música nas praças, nos cinemas era uma forma importante de lazer, sendo que o lazer e a diversão eram vistos como elementos característicos de “pessoas chiques e educadas”, especialmente porque ocupariam o tempo ocioso das pessoas com atividades consideradas cultas. Segundo o jornal “A Tribuna”³,

um povo que possui divertimento, avenida, música, será forçosamente um povo chic, educado, aprimorado no modo de vestir-se e passear. É necessário que o operário, o funcionário esteja firme no seu lazer, confiante de que em certo dia, passará no ponto determinado, uma hora de alegria ou, pelo menos, de satisfação (Sem título, Jornal A Tribuna, 16 de outubro de 1921).

Os ideais, as formas de se portar socialmente e de se aprimorar culturalmente estavam associados à ideia da cidade “tornar-se grande” e progressista. Esse desenvolvimento estava relacionado, portanto, não só com atividades culturais que envolvessem a música, mas também relacionadas à forma como as pessoas se apresentavam nos lugares que frequentavam. Acreditava-se, por exemplo, que o comparecimento social em lugares cuja atração fosse musical exigia um traje especial e formal, por ser considerado chique.

Conforme Eagleton (2000, p. 9), a cultura já foi considerada um conceito associado ao ato de cultivar a mente, nesse sentido, pessoas cultas eram as intelectuais. Souza (2007, p. 16), menciona que “a partir do Iluminismo, o termo cultura passa a ser empregado para designar ‘formação’ ou ‘a educação do espírito’. Percebe-se, assim, que a cultura torna-se uma espécie de ‘dado preexistente a qualquer forma de relação social’”.

Acredita-se que essa era a ideia de cultura disseminada na cidade de Uberlândia no período estudado nesta pesquisa. As artes, e dentre elas a música e suas práticas, eram formas de “educar e elevar o espírito das pessoas”. Nesse sentido, aprender a tocar um instrumento, frequentar recitais, ouvir música pelo/na rádio, ou no cinema, ou a banda de música no coreto da praça formaria um “povo culto” e, conseqüentemente, civilizado.

Segundo Simão e Gonçalves (2011, p. 17), nos jornais uberlandenses, desde o início do século XX, aparecem destacadas iniciativas relacionadas à banda de música e outras manifestações musicais como: o cinema aos domingos com a participação de músicos locais (1910), o circo sonorizado com o violino e o violão (1911); os concertos de violino com acompanhamento de *harmonium* e flauta (1907), um concerto de cítara (1914), concertos de piano (1920) (CUNHA, 2014).

A necessidade das pessoas da cidade “terem cultura” era um discurso vigente durante todo o período estudado. Por um lado, nos jornais discutia-se a importância das pessoas atentarem-se às apresentações musicais, porque o povo

³ Será mantida, neste artigo, a grafia original tal como foi escrita nos jornais da época, bem como os erros de ortografia e de concordância verbal dos colunistas locais.

precisava se tornar “culto” e, por outro lado, era conveniente em alguns momentos considerar, nestes mesmos canais, que Uberlândia já uma “cidade de cultura”.

Para elucidar esse fato, percebe-se na década de 1940 notas que destacam a característica de “cidade culta” quando divulgam concertos ou quando exaltam a forma que os concertistas eram recebidos na cidade: “A hospitalidade do ilustre povo de Uberlândia, é índice expressivo de elevada cultura” (Uberlândia Cultural, Jornal O Repórter, 9 de janeiro de 1943). Outras vezes, os elogios à cidade acontecem quando os jornais incentivavam a presença das pessoas nos eventos: “O concerto será realizado às 20 e 30, sendo certa uma grande assistência que demonstrará o alto grau de cultura da nossa sociedade, sempre pronta a aplaudir os grandes artistas que nos visitam” (Concertos via La’ctea, Jornal Correio de Uberlândia, 12 de setembro de 1946).

O refinamento cultural do público que frequentava os eventos musicais também era enfatizado e estava associado à seleção de obras feitas pelos artistas que tocavam na cidade. No caso do piano, valorizava-se um repertório solista e de câmara.

Para Bourdieu (2007b, p. 34), há uma diferença entre o “gosto culto” e o “gosto popular”. Porém, na concepção deste autor, dentro da estrutura social, a arte existe para que a classe dominante se reconheça diferente. A arte e, portanto, a música eram prazeres reservados às pessoas ricas, existindo uma falta de familiaridade da classe inferior com o “gosto culto”. Assim, o piano como um instrumento que adquiriu um espaço nas práticas musicais locais, pode-se inferir que o gosto pela música erudita, música pianística, era um diferencial e por isso muitas pessoas procuravam se relacionar com essa música a fim de serem reconhecidas como parte da classe de “gosto culto”.

Uberlândia transformou-se ao longo da primeira metade do século XX em um ponto de passagem de pianistas e de outros músicos, até mesmo por estar situada em lugar estratégico entre São Paulo e Goiás. Diante do exposto, é possível perceber que Uberlândia se tornou uma cidade do interior com oportunidades artísticas, o que leva a entender relações estabelecidas pelos jornais entre cultura, civilização e progresso na cidade. De uma forma geral, pela realização das atividades artísticas, a população procurava participar dos eventos musicais, estudar música, aprender a ouvir, além de destacar a necessidade de se criar uma escola de música na cidade (Um Conservatório de Música de Uberlândia, Jornal O Repórter, 9 de março de 1955). Todas essas iniciativas, segundo os jornais, eram consideradas importantes para tornar as pessoas “mais cultas”.

O ideário de música e civilização na cidade

Em Uberlândia, uma cidade que nasceu no arcabouço dos ideais republicanos, disseminava-se os ideais de civilização e de progresso no discurso da imprensa local. A pregação de desenvolvimento da cidade enfatizava, além da importância das artes na vida das pessoas e da educação, a urbanização da cidade, no que tange as benfeitorias relacionadas ao fornecimento de energia, água, telefone, dentre outros.

Desde o início do século XX o termo “civilização” é utilizado para se fazer

referência a eventos artísticos em geral, aparecendo em destaque, por exemplo, quanto à participação das pessoas em apresentações da banda na cidade:

Não admira, porem, que o povo que freqüenta o jardim deixe de receber com applausos a execução musical dos esforçados operários, visto como data de muito pouco tempo ainda, esta innocente diversão de passeio e musica no jardim, não tendo portanto costume de harmonisar as harmonias da musica, com os progressos que a civilização vai pouco a pouco introduzindo nos costumes e na índole dos povos (Música no jardim, Jornal A Nova Era, 9 de março de 1909).

Nesse artigo “Música no jardim” de 1909 percebe-se, por um lado, o destaque dado pelo jornalista ao povo que não aplaudia a banda, por outro lado, deixava claro que a presença nas apresentações era considerada um costume também associado à ideia de civilização. Nesse sentido, os costumes e a “boa conduta” relacionados a determinados comportamentos considerados como característicos de “pessoas educadas” foram se moldando, aos poucos, às ideias do que seria uma sociedade civilizada.

Para Norbert Elias (1994, p. 23), o “conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes”. Na concepção de Elias esse conceito se assemelha ao conceito de “cultura” e, civilização e cultura também estão ligadas à educação, visto que o comportamento pessoal é moldado através da educação e cultura, o que favorece a civilização humana.

Civilização e cultura, nessa perspectiva, são conceitos próximos, visto que ambos são “aprendizados que devemos possuir para poder constituir uma vida social, e que são transmitidos de geração para geração” (POOLI, 2009, p. 2). Nesse sentido, as gerações vão “moldando” novos costumes que julgam necessários para se tornarem pessoas civilizadas, de acordo com o padrão de conduta desejado de cada época e de cada sociedade.

De acordo com Gonçalves Neto (2003, p. 276-277), “o entusiasmo pela educação, a busca da ordem social, a necessidade dos avanços urbanísticos, seriam preocupações constantes da elite da cidade”, dentre as quais a música também era considerada elemento de civilização e de transformação importante no que se refere à busca de uma nova identidade sociocultural. Essa identidade estava ligada a uma cidade progressista e a uma cidade “educada”, elementos que associados aos ideais republicanos. Portanto, a participação da sociedade local em um recital era considerado:

um lance magnifico para mais altas e meritórias realizações nos dias porvindouros. Ganha a sociedade uberlandense com esses belos requisitos em aquisição familiar e a cidade os fôros de civilização que a recomendam (À margem de uma audição de piano, Jornal Correio de Uberlândia, 10 de junho de 1950).

A ideia de civilização também está ligada à de mudança social. O estudo de um instrumento, mais especificamente o do piano, era considerado um padrão de conduta e foi disseminado pela classe dominante local. São “regras de comportamento” (ELIAS, 1994, p. 9) que foram criadas que demonstravam “boa conduta” e que foram passando de geração em geração. Estudar música era visto como um modo de ser civilizado.

De acordo com Dantas (2009, p. 10), a vida na cidade era diferente da vida no campo e isso envolvia a preocupação dos homens “para assegurar a consecução dos modos civilizados”. Havia um código de condutas a ser implantado na cidade, a fim de que buscassem

mudanças nas práticas dos moradores como parte de um plano de civilizar seu comportamento, seus hábitos e costumes e os inúmeros conflitos que caracterizaram a peculiar modernidade da pequena urbe que, pelo menos para os grupos dominantes, ia se adequando às ideias e aos modos civilizados (DANTAS, 2009, p. 13).

332 ■ Acredita-se que os eventos, tais como os concertos, os saraus e as apresentações artísticas realizadas em Uberlândia, foram oferecendo oportunidades de modificação dos hábitos e costumes dos moradores da cidade. O que se nota pelo discurso dos jornais é que após cada apresentação, geralmente, havia algum tipo de comentário sobre a apresentação em si, sobre quem foi ao concerto ou críticas ao comportamento de quem esteve presente. No entanto, é importante destacar que os jornais não detalhavam as características e interesses dessas pessoas, mas divulgavam o fato em si; deve-se destacar que esse tipo de fonte estabelece juízos de valor imbricados no discurso, geralmente, de acordo com a linha editorial do jornal, do público-alvo, bem como dos seus interesses. Contudo, os indícios (GINSBURG, 1989) encontrados nas notícias deixam rastros que indicam o papel importante da relação entre arte e civilização durante toda a primeira metade do século XX.

Relação entre música e progresso em Uberlândia

As artes e algumas benfeitorias não eram consideradas suficientes para alavancar o progresso da cidade. As tecnologias que foram incorporadas à vida uberlandense eram tidas também como importantes para o progresso, e o rádio, por exemplo, foi visto como essencial a partir de 1939 (DÂNGELO, 2005), especialmente, quando irradiava programas culturais. Nessa perspectiva, um exemplo de contribuição do rádio para essa eficiência no progresso de Uberlândia foi o concerto sinfônico com o maestro Lameira, datado de 1941⁴, que “foi realizado no estúdio da radio Difusora e daí transmitido para toda rede de ouvintes da simpática PRC 6, que se tornou há muito um fator ponderável do nosso progresso cultural” (Reprise do concerto sinfônico, Jornal O Repórter, 12 de novembro de 1941).

⁴ Maestro Lameira, foi aluno de Carlos Gomes, veio para Uberlândia no início da década de 1940. Era um maestro itinerante que passava por várias cidades organizando concertos e em Uberlândia reuniu vários músicos para montar uma orquestra para executar um repertório de músicas brasileiras, como “Noites de Brasilidade”.

Nesse aspecto, tal progresso estava relacionado a dois fatores: a chegada do rádio à cidade, ao acesso aos eventos culturais transmitidos via aparelho recém chegado e também a concertos e apresentações artísticas que aconteciam na localidade, destacando a presença de uma orquestra internacional que veio a Uberlândia sob o patrocínio da empresa Diversões Triângulo Mineiro:

o progresso de Uberlandia e a ousadia da empresa local vão permitir que a nossa platéia, assista a um concerto de artistas consagrados nos países mais cultos do continente americano e da Europa, apresentando musicas que nos são desconhecidas com a execução por um conjunto idôneo e dificil de ser conseguido (Desperta interesse a Orquestra Internacional, Jornal Correio de Uberlândia, 10 de janeiro de 1952).

É interessante ver que há uma comparação entre o progresso da cidade e o de outros países ditos “mais cultos”, indicando que a oportunidade e o privilégio de receber músicos estrangeiros em Uberlândia representava que a cidade estava no mesmo caminho que os lugares “mais cultos”.

As notícias divulgadas nos jornais locais disseminavam que grupos artísticos, como a banda de música, eram símbolos do progresso da cidade. No início do século, mais especificamente em 1908, o jornal “O Progresso” conclamava “o povo” a comparecer na praça da cidade,

em massa, não só com sua presença mas também com seus calorosos applausos animar aquelle punhado de homens que luctando com innumeras dificuldades emprega todas as suas forças em prol do progresso da terra onde mora (Música no jardim, Jornal O Progresso, 6 de setembro de 1908).

O progresso aqui também estava relacionado à construção do coreto da cidade, local onde a banda de música viria a se apresentar com certa regularidade. Além disso, os jornais convidavam a população a comparecer em grande número nas retretas da banda. Isso porque, como já mencionado, era importante que as pessoas “se tornassem educadas e adquirissem hábitos culturais”.

Essa ideia de progresso atravessou a primeira metade do século XX, sendo que, em 1951, o pensamento da banda como elemento de progresso para a cidade ainda continuava forte. O desenvolvimento da cidade, no período estudado, era noticiado pelos jornais, seja pela criação de teatros, seja pelos elogios ao comportamento das pessoas nas apresentações e até mesmo pela criação de entidades musicais. Exemplos de organização musical criadas são: a “Sociedade Musical de Uberabinha”, em 1920, que tinha como objetivo organizar e manter uma banda e uma escola de música; a “Sociedade de Concertos Sinfônicos” em 1925; o “Centro Lítero-Musical” em 1935, que seria responsável pela organização de eventos e audições de programas musicais com declamações de textos e poesias, especialmente nas escolas; o “Grupo de Orfeão” em 1934 que é considerado pelos jornais um grupo que colaborava para o “desenvolvimento artístico da cidade”; o “Grupo

Jazz Novo Mundo” de 1943, que era um conjunto da cidade que tocava nas festividades locais; o “Conjunto Orquestral do Liceu” (1952) formado por alunos do Colégio Liceu de Uberlândia, sob a direção de Nicolau Sulzbeck; o “Centro Acadêmico Villa-Lobos” criado em 1957 no Conservatório Musical de Uberlândia; e o “Conservatório Musical de Uberlândia” criado em 1957, por Cora Pavan Capparelli.

Segundo os jornais, a criação dessas instituições foram ações importantes no setor do progresso da cidade em relação ao seu desenvolvimento cultural. Cada órgão tinha sua característica e seu objetivo com um fim em comum que era o de desenvolver musicalmente as pessoas que viviam na cidade, sendo que cada um deles tinha seu público-alvo e atingia uma determinada camada da população. Pode-se afirmar que as retretas da banda de música eram realizadas nas praças da cidade, assim permitiu o acesso ao evento a um maior número de pessoas. Já os eventos musicais, como concertos que, geralmente, aconteciam em espaços fechados e com a cobrança de ingressos, eram direcionados às pessoas de classe social “mais elevada”.

Aprender música, aprender um instrumento musical

■ 334

Veza ou outra, ao destacar alguma atividade musical na cidade, os jornais discutiam a importância da música na vida dos moradores de Uberlândia. Isso é visto, por exemplo, em artigos em que se discorria sobre os “benefícios da música para a alma”:

A música é a expressão do sentimento. É a balança que regula o estado da alma. Conforme é o seu ritmo tal é o estado da alma no momento da criação de uma peça. A música eleva seus doces acordes por toda a parte, quer na alegria, quer na tristeza. A sua cadência sublime espanca as trevas, que timidamente recuam; afasta o tédio; comunica a alegria, alimenta a dor irradia a natureza (A música, Jornal A Tribuna, 12 de fevereiro de 1922, p. 1).

As atividades musicais destacadas nos jornais que circulavam na cidade, geralmente, estavam relacionadas com algum evento que não era cotidiano. Eram atividades que envolviam, em sua maioria, música erudita; as demais manifestações culturais eram pouquíssimas vezes salientadas no conteúdo dos jornais. Portanto, apesar de os jornais não especificarem de qual música eles estavam falando, tudo indicava que essas menções faziam referências à música clássica.

A partir de alguns indícios vê-se que as pessoas que frequentavam os concertos eram vistas com distinção. Isso pôde ser observado nas notas dos jornais que destacavam a importância de as pessoas ouvirem, participarem dos eventos e de saberem aplaudir: “Deve-se acentuar que a assistência, não sendo infelizmente numerosa, soube aplaudir a orquestra com calor e sinceridade” (Concerto sinfônico em benefício da merenda escolar dos pobres, Jornal O Repórter, 26 de novembro de 1941).

Pensando como Elias (1994), “saber aplaudir” é um ato que se aprende na sociedade. No ato de frequentar concertos ocorre a aprendizagem de condutas mu-

sicais que são consideradas civilizadas ou educadas, como “saber aplaudir”, porque saber aplaudir no “momento certo” implica conhecer a obra e suas divisões, seja por estudo ou por já tê-la ouvido.

Assim, pensando de acordo com Bourdieu (2007b), isso demarca uma separação entre quem sabe aplaudir, considerado alguém com mais capital cultural, e entre os que ainda não sabem o momento exato de se aplaudir o músico, alguém que desconhece certas “condutas” de como se portar no ambiente de prática musical, como diz Elias (1994).

A intenção de se adquirir tais conhecimentos, de saber agir de acordo com o que a sociedade julga importante, pode ser indicativo favorável para que as pessoas buscassem frequentar eventos musicais e estudar algum instrumento, como o piano, a fim de serem reconhecidas como membros da “boa sociedade”. Portanto, na perspectiva de Bourdieu (2007a), pode-se ver que aprender música era uma forma de aquisição de um “capital cultural e social” e fator de distinção social.

Vale ressaltar que os primeiros professores da cidade de Uberlândia eram músicos, cuja formação específica em música ou em algum instrumento não era divulgada. Os anúncios são esparsos e, dada a distância no tempo, também não foi possível traçar a trajetória deles na cidade. Pensa-se que eram professores com formação ampla, pelo rol de instrumentos que eram ensinados e conteúdos musicais mencionados nos anúncios. Era comum ter professores de passagem na cidade que se envolviam em projetos esporádicos, como o concerto sinfônico realizado pelo maestro Lameira datado de 1941, realizado no estúdio da rádio Difusora (Reprise do concerto sinfônico, Jornal O Repórter, 12 de novembro de 1941).

Como já dito, uma ação importante no processo de aquisição dessas condutas passa pela aprendizagem musical. O primeiro artigo encontrado, que anuncia aulas de música, data de 1907 (SIMÃO; GONÇALVES, 2011) e oferece aulas de música para crianças e adultos. Nesse anúncio não há especificação de aula de instrumento, mas aula de música. A partir de 1910, os anúncios encontrados divulgando aulas de música já indicavam que essas aulas eram particulares e os professores que divulgavam seus anúncios nos jornais ofereciam aulas de diversos instrumentos, como: piano, *harmonium*, violino, bandolim, violoncelo, violão, flauta e instrumentos de sopro (Prático e Theorico, O Progresso, 8 de outubro, 1910).

Um anúncio de uma professora de piano, em 1911, destaca que ela ministrava “aulas de música, piano e bandolim” (Professora de piano, Jornal O Progresso, 14 de janeiro de 1911). Nesse anúncio e a partir dos discursos nos jornais quando mencionavam “aula de música” a referência estava no ensino de teoria musical, ou seja, a ênfase dessas aulas não estava só no instrumento.

Dentre os instrumentos oferecidos como objetos de estudo, o piano adquirirá um espaço amplo. Isso porque estava presente nas casas das famílias, nos eventos artísticos, nos salões do cinema, das rádios, e também nas escolas e na educação das mulheres, como se pode observar na fala de Rezende e Gonçalves (2010, p. 16): “o estudo e o ensino do piano era uma prática muito importante, principalmente, na educação das mulheres”.

Ainda de acordo com esses autores “a educação musical, ou seja, o ensino de música para as mulheres era importante, principalmente, na juventude” (p. 17), quando, segundo o jornal A Tribuna (A cidade, 25 de abril de 1920), “a sua aprendi-

zagem [...] compreende, principalmente no ramo feminino, deve ser considerada antes como parte integrante do que como complemento de educação”. Dessa forma, tocar piano fazia parte de uma das condutas de “distinção social” (BOURDIEU, 2007b) no que se refere à educação das mulheres da cidade.

A análise desses aspectos envolvendo a música na cidade pode ser corroborada por discussões apresentadas por Bozon (2000) quando ele estuda práticas musicais em uma cidade ao sul da França relacionando música à diferenciação de classes. Ele afirma que a música é um elemento que hierarquiza as pessoas e que “a música é o lugar por excelência da diferenciação pelo desconhecimento mútuo; os gostos e os estilos seguidamente se ignoram, se menosprezam, se julgam, se copiam” (BOZON, 2000, p. 147). Nessa perspectiva, as pessoas unem-se de acordo com suas semelhanças, semelhanças essas que são importantes para estabelecimento de laços de pertencimento aos grupos sociais nos quais as pessoas tornam-se parte.

É possível evidenciar que existia diferenciação de *status* e de classe social no que se refere àqueles que se relacionavam com a música, seja como instrumentista, seja como ouvinte, seja como professor de algum instrumento. Cada espaço e cada evento que acontecia na cidade de Uberlândia atingiam uma camada da população. Os instrumentistas, muitas vezes eram parte da elite da cidade, percebe-se isso ao fato de terem condições de pagar aulas particulares de instrumento.

O ouvinte da música oferecida em locais públicos, como a banda na praça, muitas vezes era de classe social baixa, e isso o diferenciava do ouvinte que frequentava os locais nos quais as entradas eram pagas, como no Uberlândia Clube. No que se refere aos professores de música, o que os diferenciavam entre si era o nível de formação musical, aqueles que podiam estudar música fora da cidade de Uberlândia, geralmente, desenvolviam outras habilidades musicais.

Considerações finais

Nesta pesquisa, foi possível perceber que a cidade, que nasceu juntamente com a República, carregava os ideais de ordem, de civilidade e de progresso. Para que tais ideais acontecessem era necessário enfatizar a educação e a cultura na vida das pessoas. Assim, pensa-se que o período foi fértil para a criação de grupos musicais, para a organização de concertos e até para a criação de escolas de música. A preocupação com os “bons costumes” e com a “civilidade das pessoas” foi importante para a procura pelo contato com a música, e, no caso das mulheres, uma ênfase na busca pela educação pianística.

Os espaços da cidade onde aconteciam as apresentações e atividades musicais eram frequentados por um público considerado seletos pelos jornais, porém com a presença da música nas rádios, cinemas, escolas ela pôde ser introduzida a um público mais variado.

Diante de tudo isso, sabe-se que uma prática musical importante na cidade de Uberlândia era a de “educar as pessoas” para ouvir música, incentivando a frequentar os eventos artísticos nos salões disponíveis, ouvir as retretas da banda de música nas praças, nos cinemas, nas rádios, formando um “público educado musicalmente”, preocupação especial com os jovens. Tal preocupação com a “educa-

ção cultural” dos jovens contava com o apoio da imprensa da cidade, que salientava o papel dos professores na formação dos seus alunos e dos pais na formação dos filhos.

Enfim, cabe salientar que estudar como a música foi se tornando presente na cidade de Uberlândia no período de 1888 a 1957 contribui para que se compreenda a sociedade local, a partir de um conjunto de ações e de ideais relacionados à música na cidade e a ações pedagógico-musicais aliadas aos ideais de educação e civismo presentes na época. Nessa perspectiva, a música como prática social, colaborava para o fortalecimento do pensamento de civilização e de educação cultivados na época, incluindo o bom comportamento, a moral, o patriotismo e a ordem na cidade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Orgs.). 9. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007a.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007b.

337 ■

BOZON, M. “Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local”. (Tradução de Rose Marie Reis Garcia). **Em Pauta**. v. 11. n. 16/17. abr.-nov. 2000.

CARDOSO, Elisabetta Greco de Guimarães. **Educação superior no Triângulo Mineiro: O Conservatório Estadual de Uberlândia (1957-1969)**, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário do Triângulo Mineiro, Uberlândia, 2004.

CUNHA, Daniela Carrijo Franco. **A presença do piano na cidade de Uberlândia-MG: um estudo documental sobre as ações pedagógico-musicais no período de 1888 a 1957**. Uberlândia. 136 p. Dissertação (Mestrado em Artes), Curso de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014.

DÂNGELO, Newton. **Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção da rádio: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana – Uberlândia 1900/1940**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

DANTAS, Sandra Mara. **A fabricação do urbano: civilidade, modernidade e progresso em Uberlândia/ MG (1888-1929)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca: UNESP, 2009.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. "O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução". In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Editores associados. Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educação musical e sociabilidade: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia nas décadas de 1940 a 1960**. Tese (Doutorado em Música), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. **O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia na primeira metade do século XX: um estudo sobre as práticas pedagógico-musicais**. Projeto apresentado ao CNPq, 2008. (não publicado).

GONÇALVES NETO, Wenceslau. "Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX". In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

_____. "Disciplina, ordem social e educação na imprensa de Uberabinha (MG), 1907-1920". In: MACHADO, M. C. T.; PATRIOTA, R. (Orgs.). **Histórias & historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia, MG: EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2003, p. 281-304.

_____. "Pulsões culturais no início do século XX: grêmios literários, conferências, teatro e música em Uberabinha, MG, 1908-1920". In: SCHELBAUER, Anaete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza (Orgs.). **História da educação pela imprensa**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

POOLI, João Paulo. "Civilização e cultura: perspectivas contemporâneas para a compreensão dos processos sociais". In: XII Simpósio Internacional Processo civilizador, 2009, Recife. **Anais...** Recife, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Pooli.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2013.

REZENDE, Murilo Silva; GONÇALVES, Lilia Neves. **O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia-MG de 1915-1930: um estudo**. Relatório pesquisa CNPq (Iniciação Científica), 2010. (não publicado).

RODRIGUES, José Luis Moreira; GONÇALVES, Lilia Neves. **O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia de 1930-1945: um estudo sobre as práticas pedagógico-musicais**. Relatório pesquisa CNPq (Iniciação Científica), 2009. (não publicado).

SIMÃO, Diego Caaobi dos Santos; GONÇALVES, Lilia Neves. **Práticas músico-pedagógicas no discurso dos jornais que circularam em Uberlândia de 1897 a 1915**. Relatório pesquisa CNPq, 2011. (não publicado).

SOUZA, Jusamara. "Cultura e diversidade na América Latina: o lugar da educação musical". **Revista da ABEM**, v. 15, n. 18, p. 15-20. Porto Alegre, out. 2007.

_____. "Educação musical e práticas sociais". **Revista da ABEM**, v. 10, p. 7-11, mar. 2004.

Jornais consultados:

A cidade. **Jornal A Tribuna**, 25 de abril de 1920, ano 1, n. 33, p. 1.

À margem de uma audição de piano. **Jornal Correio de Uberlândia**, n. 2920, 10 de junho de 1950, p. 4.

A Música. **Jornal A Tribuna**, Uberabinha, 12 de fevereiro de 1922, ano 3, n. 126, p. 1.

Concerto sinfônico em benefício da merenda escolar dos pobres. **Jornal O Repórter**, n. 439, 26 de novembro de 1941, p. 2.

Concertos via La'ctea. **Jornal Correio de Uberlândia**, n. 1998, 12 de setembro de 1946, p. 4.

Desperta interesse a Orquestra Internacional. **Jornal Correio de Uberlândia**, n. 3321, 10 de janeiro de 1952, p. 1.

339 ■

Música no jardim. **Jornal A Nova Era**. 9 de março de 1909, n. 76.

Música no jardim. **Jornal O Progresso**, 6 de setembro de 1908, n. 51.

Pratico e Theorico (anúncio). **O Progresso**, n. 156, 8 de outubro de 1910.

Professora de piano (anúncio). **Jornal O Progresso**, n. 17, 14 de janeiro de 1911.

Reprise do concerto sinfônico. **Jornal O Repórter**, ano VIII, n. 435, 12 de novembro de 1941, p. 1.

[Sem título]. **Jornal A Tribuna**, ano 3, n. 109, 16 de outubro de 1921, p. 1.

Uberlândia cultural. **Jornal O Repórter**, ano X, n. 547, 9 de janeiro de 1943, p. 4.

Um Conservatório de Música de Uberlândia. **Jornal O Repórter**, ano XXII, n. 2214, 9 de março de 1955.

Recebido em: 12/08/2016 - Aceito em: 15/04/2016